

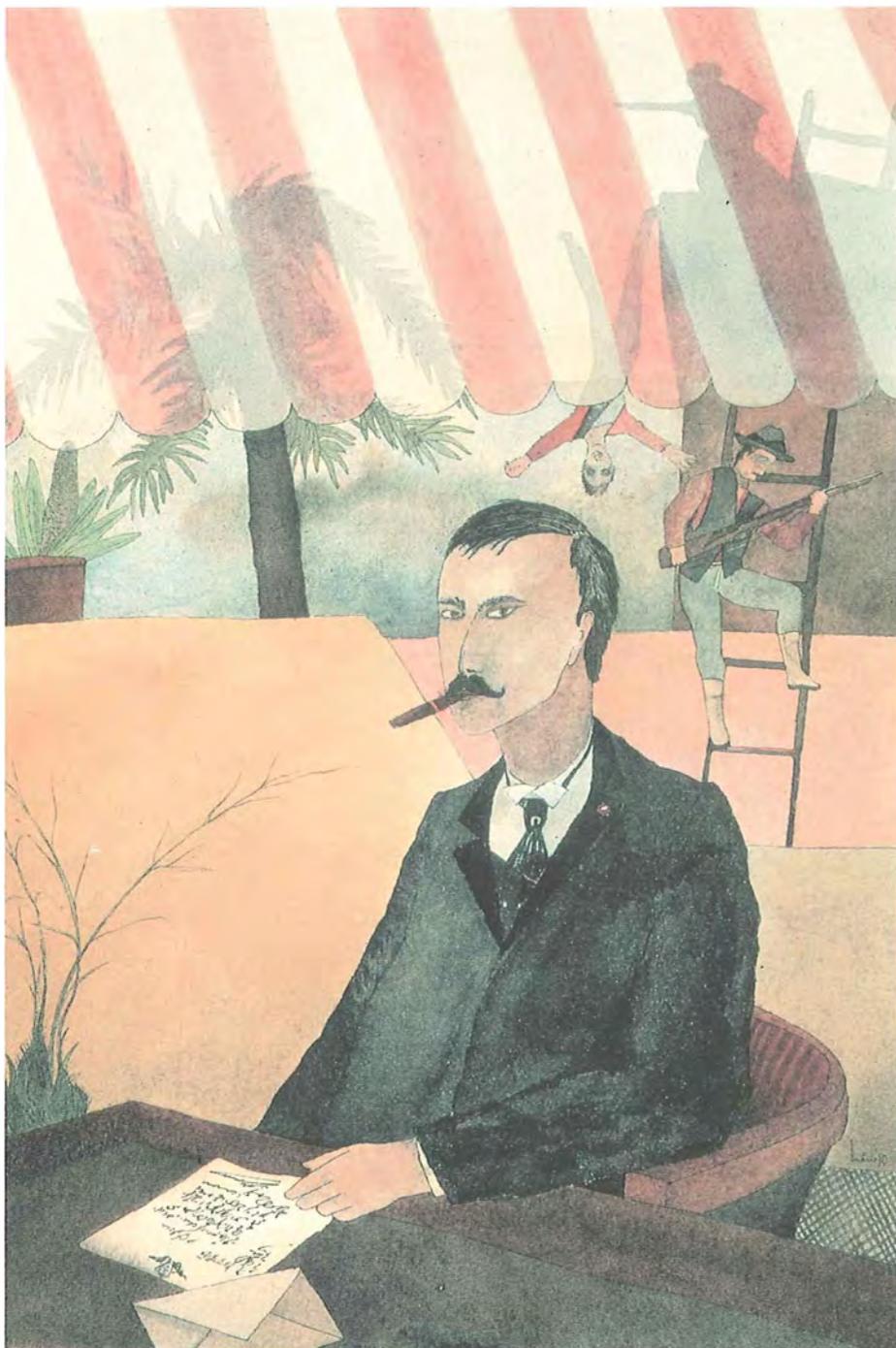
# Eça em Havana

*Eusébio Leal Spengler*

VIVAS ESTÃO, NA NOSSA CIDADE, AS MARCAS DA passagem de Eça de Queirós. O seu espírito, o seu fino requinte e sentido da vida deram um toque de magia à cultura *habanera*, pois – para além da nobreza da profissão consular e do seu exercício – ficou o rastro perceptível das impressões do escritor sobre a sociedade cubana do seu tempo. Documentos de arquivos e publicações periódicas da época refletem, com uma breve intensidade, a sua mágoa silenciosa em relação àquela sociedade escravagista em decomposição, cujas contradições e acontecimentos em nada lhe foram alheios.

A ética queirosiana, transposta para as personagens da sua exuberante fantasia, ajusta-se perfeitamente ao enquadramento cubano. Por um lado, através da semelhança na crítica de usos e costumes, sátira, caricatura, teatro, os poetas e os escritores edificavam em torno dessa crítica pano de fundo dramatizado pela guerra que, pela independência nacional, tinha rebentado em Outubro de 1868. Por outro lado, no biénio de 1872-1874, essa contenda assumia a dimensão de um conflito aterrador, capaz de fazer tremer não só a sociedade cubana em todas as suas camadas, mas também, e em particular, os intelectuais que na sua terra ou no exílio forçado construía a alma de Cuba.

Eça vivia no sobressalto que o meio-ambiente suscita em todo o estrangeiro recém-chegado aos trópicos. O que justifica os seus périplos ao Canadá e aos Estados Unidos. Nos seus períodos de trabalho intenso, assiste a um novo drama: a importação dos chineses *coolies* que desde 1847 tinham iniciado o seu desembarque na ilha, matizando a realidade do país com a sua cultura e domínio das técnicas agrícolas. Essa questão interessa-o particularmente e, nesse sentido, podemos incluí-lo entre os precursores da luta pelos direitos humanos e das minorias. Os seus protestos quotidianos e a



coragem do seu comportamento em favor dos oprimidos e explorados leva-o a advogar pela extinção do infame comércio.

Com razão, sublinha Aland Freeland na introdução da sua obra: «[...] Eça, confrontando com um dilema moral entre deixar-se comprar pelos plantadores cubanos ou lutar pelos homens que estes exploravam, pôs em adepto da Internacional, vai agora dar prova de sua lealdade a seus ideais. Não tem dúvidas, nem vacilações. Fica ao lado dos Chineses. Portanto, contra o capitalismo que procura enriquecer com o trabalho escravo; contra os potentados da Comissão Central; contra o governo; contra tudo e contra todos, em defesa da massa anónima dos oprimidos que dada lhe podem dar em troca [...]».

Nesse período, os Governadores e Capitães Gerais da Ilha gozavam, em todo o seu alcance, de faculdades irrestritas, o que demonstra o mérito e o risco incorrido pelo Cônsul Geral, ao expressar, com clareza e sem meandros, o que considerava um ultraje à dignidade humana. Tenha-se em linha de conta a possibilidade de que, imbuídos das ideias dos anarco-sindicalistas espanhóis, sectores radicalizados de Havana tenham tido pontualmente contacto com ele, e que esse facto tenha precipitado – a partir de informações confidenciais e secretas – a sua intempestiva saída do país, ainda que, contraditoriamente, os seus biógrafos tenham observado que Queirós não militou claramente ao lado dos democratas republicanos que lutavam com armas na mão pela liberdade de Cuba.

A esse facto referir-se-á, em desconsolada análise, o notável erudito cubano Doutor Raimundo Lazo, ao expressar a opinião – ao que parece bastante comum entre os estudiosos – de que Queirós não tinha optado por se solidarizar com aquele movimento – que por princípio humanitário deve ter sentido como

seu – devido a um defeito de formação, a uma visão um tanto eurocêntrica que o tornava incapaz de contextualizar a realidade de Cuba no seio de uma realidade mais rica e ampla, a da América Latina.

Mas distanciando-nos de uma análise sem matizes, justo é reconhecer que embora nas suas informações enquanto Cônsul parece que aos seus ouvidos não chegavam os feitos que, em definitivo, assentariam as bases para o nascimento da República Cubana, o certo é que no seu posicionamento em relação ao tráfico asiático encontramos uma definição que terá marcado a sua vida como escritor, ao tentar, em vão, conciliar as suas funções consulares com as do homem que sempre prevaleceriam em ele.



Interior e fachada do café «La Columnata Egipciana».

Ter-se-ia revelado interessantíssimo se ele tivesse tido oportunidade de ler o relatório do Embaixador do Imperador da China, Chen Lanpin, que visitou A Havana em 1874 e descreveu as vicissitudes dos chineses na Ilha, acontecimento referido com todos os detalhes em um livro ainda inédito do doutor Juan Pérez de la Riva. Os termos desses documentos coincidem integralmente com os enunciados queirosianos.

A arreigada tradição *habanera* situou, como lugar de predileção de Queirós, o Café «La Columnata Egipciana», que ocupa o rés-do-chão de uma pequena casa solarenga de estirpe nobre mudéjarista e que foi, em tempos, residência dos Torres de Ayala.

Francisco González del Valle na sua obra *La Habana en 1841*, dá como novidade a sua abertura, para além de outros muitos salões e espaços restritos, frequentados pelos cônsules estrangeiros nas ruas *Obispo*, *O'Reilly*, ou na *Acera del Louvre*, particularmente o restritivo *Hotel de Inglaterra*.

A obra de restauro da Velha Habana, ao reabrir as portas de «La Columnata», quis fazer seu o célebre romancista português, de maneira que esse recinto possa perpetuar o nobilíssimo propósito de lhe render homenagem e para lembrar que são ainda perceptíveis as marcas deixadas em terra cubana.